



PALAVRA
OBRA
PODER

As Três Dimensões do Evangelho

NOVO: FUNDAMENTOS

***PALAVRA,
OBRA,
PODER***

As Três Dimensões do Evangelho

por Sam Metcalf

© 2014 Samuel F. Metcalf / Novo



novo.org

O Evangelho é a obra de Deus para restaurar os seres humanos à união com Ele e à comunhão com os outros, no contexto de uma comunidade, para o bem dos outros e do mundo.¹

— Scot McKnight

A ausência do Evangelho que Jesus pregou no evangelho que a igreja tem pregado empobreceu lamentavelmente o sentido de identidade missionária da igreja².

— Darrell Guder

Palavra, Obra e Poder: As Dimensões do Evangelho

Ao longo dos anos, vivemos intermitentemente em Londres. Em um dos bairros perto de nós, havia uma casa pela qual eu passava com frequência que me fascinava e capturava minha imaginação. Um marcador histórico obscuro próximo à porta da frente descrevia o apartamento como tendo sido a principal residência de Friedrich Engels, o filósofo colega de Karl Marx, durante o final do século XIX.

Muitas vezes pensei no profundo impacto dos escritos desse homem, bem como nos de Marx, mas percebo que foi preciso um Vladimir Lenin para colocar em prática, ainda que distorcida, o que eles sonharam na teoria. O próprio Marx compreendeu isso quando escreveu: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de forma diferente; a questão é, no entanto, mudá-lo”. Portanto, se eu fosse um bom comunista, apreciaria o Sr. Engels, mas identificaria-me mais facilmente com o Sr. Lenin.

É assim que me sinto hoje no contexto contemporâneo quando falamos de toda a discussão e “conversas” sobre a natureza e a comunicação do Evangelho de Jesus. Há uma abundância de ideias bem pensadas e teologicamente perspicazes sendo escritas sobre o tema, inclusive, mais do que qualquer um de nós poderia absorver razoavelmente. Mas a pergunta que fica é: “E agora?” Como processo tudo e faço isso entrar na minha cabeça? O que faço com todo este entendimento do Evangelho de Jesus no contexto da totalidade do Novo Testamento e, em particular, das suas implicações para toda a criação, para que possa ser aplicado na prática, na realidade do cotidiano e do ministério? Eu precisava de um paradigma para ver o Evangelho, um quadro que me

ajudasse a organizar suas dimensões e expressões de uma forma que tornasse possível a sua comunicação e aplicação prática.

Minha vida é vivida em um plano prático, em que as teorias do ministério se cruzam e colidem com a realidade. Embora eu possa ser capaz de entrar no reino da teologia por ter sido treinado para isso, esse não é o ar intelectual rarefeito que eu normalmente respiro. Se algo não se relaciona com o lugar em que a maioria de nós tem que existir na vida cotidiana, então aquilo não me interessa tanto assim. Sinto-me atraído por ideias na medida em que elas podem provocar mudanças transformadoras na vida dos indivíduos, na expressão comunitária terrena da presença de Cristo chamada Igreja, e na sociedade de forma mais ampla, na qual tanto a Igreja como os seguidores individuais de Cristo têm de fazer tudo funcionar.

Meu pensamento em relação ao que defendo neste artigo foi estimulado por uma variedade de autores e fontes. No final dos anos 1970, tive o privilégio de estudar com George Eldon Ladd, um proeminente estudioso do Novo Testamento. Para ser honesto, eu estava alegremente inconsciente da importância do que estava sendo exposto na aula de Novo Testamento de Ladd e da estatura de sua erudição. Nem apreciei, naquela época, o conteúdo inovador de seu livro precursor, *Teologia do Novo Testamento*.

Mas através dessa experiência, alguns paradigmas bíblicos fundamentais sobre Jesus e o Reino de Deus foram esculpados em meu entendimento e, nos anos seguintes, eles informaram e moldaram silenciosamente meu pensamento, minha jornada espiritual e o ministério prático para o qual Deus me chamou.

Muitos outros, como Lesslie Newbigin, Chris Wright, Dallas Willard, Darrell Guder, Alan Hirsch e Scot McKnight, contribuíram para o meu entendimento. Estou em dívida com Sherwood Lingenfelter por pensamentos que reforçam o meu em seu livro *Leading Cross-Culturally (Liderança Intercultural)*. As percepções específicas que ele fornece de uma perspectiva antropológica são de valor inestimável.

vel. Sou especialmente grato pela exposição aos escritos de Christian Schwarz em *Color Your World with Natural Church Development (Pinte o seu Mundo com o Desenvolvimento Natural da Igreja)*. Embora eu esteja em dívida com Schwarz e com o paradigma que ele articula, espero que o que apresento aqui tenha um toque único e uma perspectiva que seja original e exclusivamente minha.

Então, por que isso é importante?

O ministério pelo qual sou responsável — a Novo — é um grupo de missionários criativos enviados para multiplicar os movimentos do Evangelho e mobilizar a igreja para a missão em todo o mundo.

Acreditamos, assumidamente, que os movimentos do Evangelho são o melhor meio de ver nosso mundo ferido ser influenciado pelas Boas Novas de Jesus e pelo invadir do seu Reino. Para tornar realidade essa visão, independentemente do contexto, acreditamos que a saúde e a vitalidade de tais movimentos dependem da liderança. Urbano ou suburbano, rico ou pobre, países desenvolvidos ou países emergentes, a necessidade permanece a mesma. Como Robert Coleman expressa sucinta e poderosamente em seu influente livro *Plano Mestre de Evangelismo*:

A preocupação [de Jesus] não era com programas para alcançar as multidões, mas com as pessoas a quem as multidões seguiriam... [Pessoas que liderariam] se tornariam seu método de ganhar o mundo para Deus.³

No entanto, todos sabemos que a liderança pode ser boa ou má. Ninguém questionaria se Hitler ou Pol Pot eram líderes. Mas qual tipo de líder é uma outra história. Indivíduos podem ser eficientes em fazer com que as pessoas o sigam, mas se estiverem corrompidos em sua essência, os lugares e os fins para onde eles as levam podem ser horríveis.

Por esta razão, estou sempre preocupado com a qualidade da liderança que influenciemos e multiplicamos como resultado do nosso

trabalho, não importa onde seja no mundo, porque ela afeta a qualidade e o calibre dos movimentos que esses líderes geram e as expressões da Igreja que eles resultam. O desenvolvimento da liderança nunca é neutro em relação aos valores. Longe disso.

À medida que examinamos honestamente o tipo de líderes que desenvolvemos, começamos a ver que uma das influências mais fortes sobre quem eles são e o que fazem é o seu entendimento subjacente do Evangelho. Quer reconheçam ou não, o que os líderes acreditam sobre as Boas Novas de Jesus afeta fundamentalmente a natureza e a qualidade de sua liderança. Qualquer pessoa que pretenda desenvolver liderança espiritual deve prestar atenção a esta questão básica. É essencial que sejamos claros sobre essas “primeiras coisas”.

Portanto, o que se segue é uma tentativa de estabelecer um paradigma simples sobre a natureza das Boas Novas e como elas são expressas — um paradigma que pode informar e moldar não apenas como vivemos enquanto seguidores comprometidos de Jesus, mas também o que transmitimos a outros que assumem o manto de liderança naquilo que Jesus começou.

Tive a oportunidade de experimentar o paradigma em uma variedade de cenários em todo o mundo. Provavelmente, um dos meus momentos mais pungentes nesta viagem foi na cidade de Jos, na Nigéria, onde um líder da igreja africana falou comigo depois de uma apresentação sobre este tema:

“O que você compartilhou sobre as três dimensões do Evangelho dá sentido à tragédia das missões e ao estado atual da Igreja neste continente. Os missionários nunca trouxeram um Evangelho expresso em todas as três dimensões, e mesmo que tivessem duas das dimensões, elas eram fracas. Uma mensagem tão truncada, fragmentada e sub-bíblica moldou um cristianismo que falhou com esta terra”.

Antes de examinarmos as três dimensões centrais do Evangelho do Novo Testamento, seria útil dar uma explicação breve e simples da to-

talidade desse “Evangelho” nas Escrituras.⁴ Na verdade, existem dois “evangelhos” profundamente conectados no Novo Testamento, cada um necessário e conjuntamente suficiente para captar a plena intenção do registro bíblico.

O primeiro é o evangelho da justificação pela fé, recapturado na Reforma Protestante (I Coríntios 15:1-4). É o anúncio de que Cristo morreu na cruz para pagar pelo pecado e ser nosso substituto, ressuscitou dos mortos três dias depois e, colocando fé Nele, nascemos de novo, recebemos a vida eterna e passamos do reino das trevas para o Reino de Deus.

Em segundo lugar, há o “evangelho do Reino” de forma mais abrangente (Mateus 4:23; 24:14; Atos 28:31). É o anúncio de que o governo direto de Deus — o Reino de Deus — está agora disponível para todos em e através de Jesus Cristo, e é possível viver do poder desse governo sob o senhorio do Rei.

Qual é a relação entre estes dois “evangelhos”? Muitos estudiosos do Novo Testamento sugerem que, assim como o início de uma jornada está para a continuidade dela, assim é a justificação pela fé para o evangelho do Reino. O caminho com Deus começa na aceitação da justificação pela fé. E esse começo deve ser seguido pela tomada da jornada propriamente dita, isto é, o evangelho do Reino. Um é o evangelho “sobre” e o outro é o evangelho “de” — lados opostos da mesma moeda.

Quais são as dimensões do Evangelho?

Então, quais são as maneiras pelas quais o Evangelho de Jesus é expresso? Quais são todas as dimensões dessas Boas Novas se quisermos ser fiéis às páginas do Novo Testamento e o mais livres possível do nosso inevitável cativo cultural?

Se alcançarmos um entendimento bíblicamente fiel e holístico, como isso influencia a forma com que os líderes são treinados, capacitados, desenvolvidos e multiplicados para a Igreja em todas as nações?

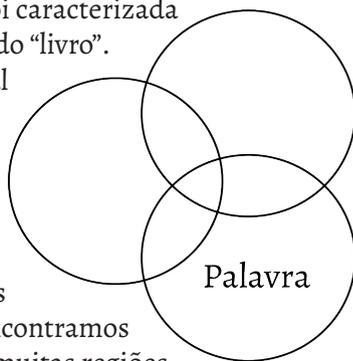
De que modo isso influencia a natureza dos ministérios dessas expressões de igreja, seja em sua forma local, paroquial, seja em sua forma apostólica, missionária?

Creio que há três dimensões fundamentais do Evangelho claramente vistas na totalidade das Escrituras, que são essenciais para que a mensagem que falamos e a vida que vivemos reflitam fielmente a nossa fidelidade a Jesus. Essas três dimensões são como as pernas de uma banqueta de três pernas: se faltar uma perna, a integridade da banqueta fica inevitavelmente comprometida.

A PRIMEIRA DIMENSÃO:

O Evangelho em Palavra

A ortodoxia cristã histórica sempre foi caracterizada por pessoas que são homens e mulheres do “livro”. Tal ênfase tem sido especialmente central para a parte do movimento cristão com a qual me identifico pessoalmente — a tradição protestante enraizada na Reforma na qual a *Sola Scriptura* era uma das características distintivas. Está no coração dos grandes movimentos evangélicos dos últimos 500 anos, que encontramos hoje expressos em muitas culturas e em muitas regiões como um fenômeno verdadeiramente global.



As Boas Novas de Jesus a partir desta perspectiva estão centradas nas afirmações de verdade da Bíblia. Tudo o que é necessário para a vida e o ministério baseia-se na autoridade e na suficiência das Escrituras. No centro dessas afirmações de verdade está o Jesus histórico e a realidade da sua ressurreição dos mortos. Como Lesslie Newbigin afirma tão sucintamente, “...quando a mensagem do Reino é separada da pessoa de Jesus, ela se torna um programa ou uma ideologia, mas não um evangelho”.⁵

Para aqueles que estão firmemente enraizados nas tradições eclesiásticas que se aproximam do Evangelho a partir desta dimensão, a doutrina é primordial. Para eles, a dogmática ajuda a definir a realidade, e sua abordagem epistemológica é probatória e proposicional.

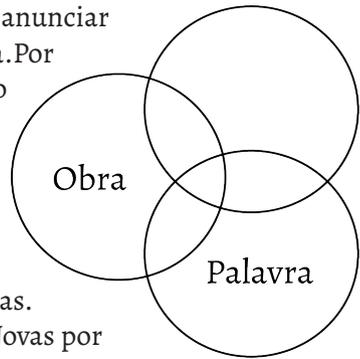
O Evangelho em palavra também significa que tudo o que Jesus diz é importante. É confiável e, juntamente com a totalidade das Escrituras, infalível. O Evangelho em palavra engloba uma apreciação da apologética. O Evangelho é verdadeiro e é racionalmente defensável.

Histórica e contemporaneamente, essa tradição se expressa através de credos, e o compromisso dos seguidores é determinado pelo que se *acredita*. A conversão é concretizada por um compromisso volitivo com o Verbo encarnado, que é conhecido através da palavra escrita e revelado através de afirmações proposicionais da verdade.

A SEGUNDA DIMENSÃO:

O Evangelho em Obra

Porém, as Boas Novas que Jesus veio anunciar eram uma combinação de palavra e obra. Por exemplo, vemos nos capítulos iniciais do Livro de Marcos que Jesus veio “proclamando as Boas Novas do Reino”. Mas a maneira que elas foram demonstradas, de acordo com o texto que está ao redor, foi tanto ou mais através de suas ações do que através de suas palavras. Vemos Jesus demonstrando suas Boas Novas por meio de ações. E não é apenas *o que* Jesus valoriza, mas também *quem* Jesus valoriza, que é igualmente importante.



Talvez uma das melhores apologéticas para o Evangelho em obra seja o livro de Tiago. A verdadeira fé é validada pela forma como se vive, como se ama e como se comporta. O Evangelho é vivido. É expresso em obra. Da mesma forma, no livro de 1 João, as provas da verdadeira fé não são apenas teológicas, mas também sociais e morais. Esses são os temas que são consistentes com todas as Escrituras.

O Evangelho em obra significa que, como seguidores de Jesus, somos compelidos a nos concentrar nas questões reais de nosso tempo, onde o Reino de Deus invade e toca as realidades da terra. É onde o poder do Cristo ressurreto tem tanta relevância “*na terra quanto no céu*”. Portanto, um compromisso com o Evangelho em obra significa que aqueles que seguem Jesus partilham de seu compromisso com os pobres e marginalizados. Significa que estamos muito conscientes da injustiça social. Significa que nos posicionamos contra o mal, seja qual for a sua forma, seja individual, social ou institucional.

Fundamental para uma compreensão das Boas Novas em obra é o entendimento da natureza caída da criação — que a queda não foi apenas individual e psicológica. Pelo contrário, a queda afetou todos

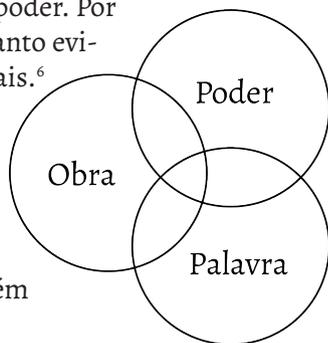
os aspectos da ordem criada, produzindo também alienação sociológica e ecológica.

As Boas Novas de Jesus, tornadas eficazes pela sua morte e ressurreição, são que ele pretende redimir todos os aspectos do seu mundo caído e reconciliá-lo consigo mesmo. O chamado para aqueles que o seguem é, também, um chamado para se juntarem a ele neste propósito.

A TERCEIRA DIMENSÃO:

O Evangelho em Poder

A terceira dimensão do Evangelho é o poder. Por poder, refiro-me à presença do Espírito Santo evidenciada pelas manifestações sobrenaturais.⁶ Certamente, a presença real do Espírito é eficaz à medida que o Evangelho é anunciado em palavras e em obra. Mas a presença manifesta do Espírito revela uma realidade da presença de Deus de formas que são consistentes com, mas que vão além da unção do Espírito sobre palavra e obra.



O Evangelho em poder inclui o que é comumente conhecido como sinais e maravilhas, dos quais as páginas do Novo Testamento estão repletas. São os sinais sobrenaturais do Reino que Jesus claramente afirma em João 14:12 que seus seguidores farão com escopo e resultados ainda maiores do que ele fez durante sua presença terrena.

O Evangelho em poder inclui a cura, tanto emocional como física. Inclui lidar com o demoníaco e trazer libertação dos poderes muito reais do mal. O Evangelho em poder tem uma rica história na tradição cristã, quer se trate dos mais recentes movimentos pentecostais, carismáticos ou da terceira onda do século 20, ou dos inúmeros outros

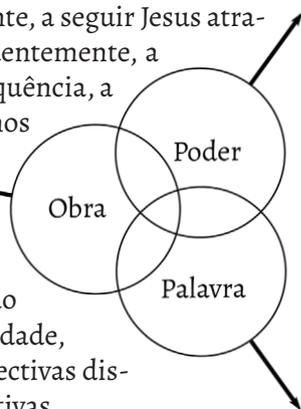
movimentos ao longo da história da Igreja, onde expressões sobrenaturais e místicas eram tão normais quanto a vida física e a respiração.

A necessidade dessa dimensão do Evangelho tem sido, muitas vezes, melhor compreendida e vista por aqueles que ministraram em culturas diferentes do Ocidente. Nestes contextos não ocidentais, raramente existe uma compartimentalização entre o natural e o sobrenatural. Ainda hoje, é quase universal que os muçulmanos que decidem tornar-se seguidores de Jesus experimentem a sua cativante presença ou a de seres angélicos em sonhos ou visões. E no Ocidente secularizado e pós-moderno, a Boa Nova de Jesus é cada vez mais impotente sem uma expressão autêntica e adequada dessa dimensão muitas vezes negligenciada.

É importante perceber que a relevância contínua de sinais, maravilhas e manifestações sobrenaturais não está enraizada principalmente nos dons espirituais. Pelo contrário, a sua base flui do próprio Evangelho, juntamente com a natureza do Reino de Deus.

Quando Partimos para Extremos

A maioria de nós aprendemos, inicialmente, a seguir Jesus através de uma destas três dimensões. Consequentemente, a forma como começamos influencia, com frequência, a forma como continuamos nessa busca. Temos problemas em nossa compreensão do Evangelho quando — como indivíduos, como igreja local, uma expressão missionária da Igreja, ou de uma tradição — ficamos entrincheirados em uma dimensão e excluimos as outras duas. Essa exclusividade, quando levada ao extremo, resulta em perspectivas distorcidas, estranhas e potencialmente destrutivas.



O EVANGELHO EM PALAVRA em seus extremos

Quando levado ao limite, aqueles comprometidos apenas com o Evangelho em palavra muitas vezes exibem várias características infelizes:

1. Um dogmatismo feio pode surgir. Há uma justiça própria preunçosa e uma exclusividade em seus sistemas de crenças que podem se tornar minuciosamente definidos para cada jota e til. Estar certo torna-se mais importante do que ser santo ou amoroso. Consequentemente, quem está “dentro” e quem está “fora” se torna um foco, geralmente determinado por convicções sobre questões não essenciais.
2. O pensamento correto (ortodoxia) pode ser colocado acima de viver corretamente (ortopraxia). E enquanto o que se acredita pode até ser “correto”, isso também pode ser impotente. Há impotência espiritual. Há pouco ou nenhum entendimento do sobrenatural. Como A. W. Tozer disse tão apropriadamente:

“você pode ser reto como o cano de uma arma, teologicamente, e tão vazio quanto um, espiritualmente”.⁷

3. Indivíduos dominam a Bíblia, mas não deixam que a Bíblia os domine. A Escritura é elevada ao que pode ser, às vezes, considerado idolatria: Pai, Filho e Bíblia Sagrada.
4. Surge uma orientação muito voltada para o outro mundo e há uma falta de envolvimento como seguidor de Jesus no aqui e agora. Combinado com o individualismo Ocidental, pouco entendimento ou compromisso é expresso para os propósitos atuais do Reino de Deus, onde o senhorio de Jesus deve ser demonstrado sobre todos os aspectos da ordem criada. Como afirma Scot McKnight:

*Ao longo dos séculos, a Igreja sofreu quando se permitiu oferecer um pequeno Evangelho às almas individuais. ...Ele sofre quando trata os seres humanos como almas feitas para a eternidade, em vez de pessoas inteiras feitas para o agora e para a eternidade.*⁸

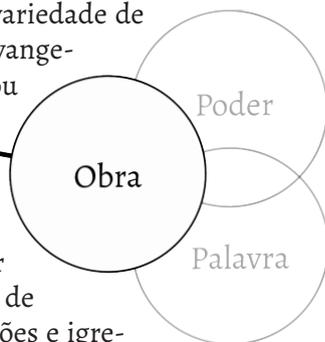
5. Há pouca apreciação ou compreensão da amplitude do poder transformador do Evangelho sobre toda a criação, e de que as Boas Novas de Jesus são o único antídoto para a natureza do pecado e da extensão dos resultados destrutivos do pecado. Embora possa haver uma vontade de assumir um compromisso com Jesus como uma transação individual legal que garante a salvação pessoal e a promessa de vida eterna, pode haver pouca compreensão de como a cruz e a ressurreição de Cristo afetam também profundamente muito mais na ordem criada, que também está deformada pelo pecado e necessitada de redenção. Infelizmente, a redenção não é compreendida ou abraçada como tendo aplicações sociológicas, ecológicas e culturais de longo alcance.



O EVANGELHO EM OBRA em seus extremos

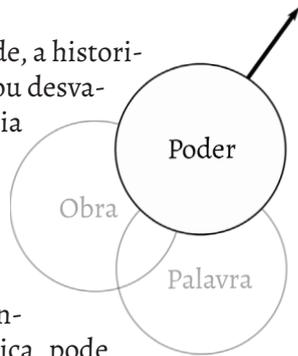
Quando levados aos extremos, aqueles comprometidos apenas com o Evangelho em obra muitas vezes exibem características infelizes:

1. O Jesus histórico é lançado ao mar. Quando abraçam a *missio dei* (a “missão de Deus”), eles podem se concentrar no *missio* e deixar de definir o *dei* como a segunda pessoa do Deus trino da Bíblia.
2. O que pode evoluir daí são uma variedade de aberrações teológicas, como o “Evangelho Social” do início do século XX ou versões do movimento da “Teologia da libertação”, proeminente na América Latina na segunda metade do século. Não precisamos olhar muito longe para ver isso. Dentro de muitas das principais denominações e igrejas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental podemos encontrar grupos de pessoas comprometidas com causas sociais bem intencionadas, mas com pouca realidade espiritual correspondente ou fidelidade bíblica.
3. Para aqueles comprometidos com o Evangelho em obra ao extremo, a redenção está, principalmente, no presente. Não há espaço para, e há pouca garantia da realidade da vida além da sepultura.
4. O sobrenatural é equiparado ao supersticioso. O poder atual do Espírito Santo e a realidade do mundo sobrenatural são relegados a pentecostais supostamente não iluminados, excessivamente emocionais e sem instrução, carismáticos, e aqueles que alguns considerariam charlatães espirituais.



O EVANGELHO EM PODER em seus extremos

1. O Evangelho em poder em seus extremos pode resultar numa espiritualidade distorcida e até bizarra. As coisas podem ficar estranhas. A realidade é esmagadoramente vista com um sobrenaturalismo distorcido, e Deus é presunçosamente percebido em circunstâncias e situações de uma forma que espiritualiza excessivamente sua presença.
2. A experiência é que manda. A verdade, a historicidade e a tradição são descartadas ou desvalorizadas. Tudo é sobre a experiência com pouca ou nenhuma ligação bíblica. Há uma teologia pobre e uma hermenêutica mais pobre ainda.
3. A realidade do poder espiritual pode ser mal utilizada e pode tornar-se intoxicante. Essa obsessão carismática pode transformar-se em um reinado dos vigaristas religiosos. Pode ser qualquer coisa, desde um mau uso do profético até um fascínio pervertido pelo demoníaco e pelo oculto.
4. Embora uma apreciação saudável dos efeitos do mal a nível individual possa ser demonstrada, é possível haver pouca compreensão de como o mal funciona a nível macro, institucional, e ainda menos inclinação ou pouca compreensão de como lidar com ele. Muito frequentemente, aqueles de palavra e obra persuasivas respondem com pouca paciência às pessoas do poder e geralmente mantêm distância para não se associarem à malquice percebida.

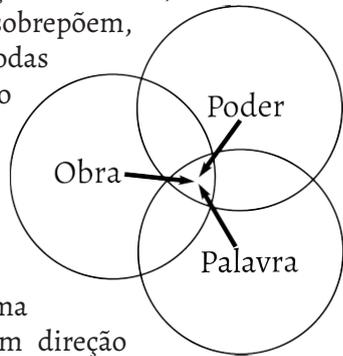


Quais São as Implicações?

Pessoalmente...

Embora o passado, a tradição particular e o dom espiritual possam produzir uma predisposição para uma das dimensões do Evangelho, a meta de todo seguidor de Jesus deveria ser — como uma questão de maturidade pessoal e santificação — crescer em apreciação e abertura em todas as três dimensões.

Além disso, a busca ao longo da vida de um crente em amadurecimento deve ser ir em direção ao centro, onde todos os três estão integrados e se sobrepõem, e viver pessoalmente na plenitude de todas as três dimensões. A forma que isso funciona na prática será influenciada e moldada pelo dom, vocação e estágio da vida. A companhia que alguém escolhe manter — a comunidade de pessoas comprometidas com Jesus que cerca uma pessoa — exerce uma influência significativa também. Ir em direção ao centro resulta em algo extremamente atraente e transformador. Experimenta-se simetria e até mesmo uma beleza na expressão das Boas Novas que é extraordinariamente saudável.



E quanto mais a vida é vivida no centro, mais se experimenta uma sinergia espiritual incomparável. Tudo se encaixa. Talvez essa seja apenas outra perspectiva sobre o que é o crescimento na vida cristã. É possível crer e agir de modo coerente com o senhorio de Jesus sobre toda a vida e fazê-lo com o espírito que flui no poder vivificante.

Para aqueles que vivem e/ou trabalham juntos em uma expressão de igreja local ou em uma expressão apostólica e missionária...

Independentemente de onde a liderança espiritual genuína for exercida, há três imperativos que devem ocorrer.

***Imperativo 1:** Precisamos, na nossa vida comum juntos, abraçar as três dimensões e ir em direção ao centro.*

Esse entendimento comum deve permear tudo o que fazemos. Deve influenciar aqueles de nós comprometidos com o ministério focado em um bairro, uma cidade ou um grupo de pessoas. Aplica-se àqueles que atravessam barreiras linguísticas ou culturais em prol das Boas Novas de Jesus. Deve influenciar todos os que ministram nas comunidades missionais e apostólicas. Não podemos reproduzir ou multiplicar algo que não abraçamos pessoalmente.

Permita-me ilustrar com base na minha própria experiência.

A *InnerCHANGE*, a nossa “ordem entre os pobres” na Novo, abriu caminho na nossa compreensão do Evangelho em obra e deu uma contribuição inestimável para a minha vida e para muitos outros — assim como para a Igreja em todo o mundo — na nossa compreensão de viver as Boas Novas.

Enquanto a *InnerCHANGE* tem crescido substancialmente na dimensão da palavra ao longo dos anos, a sua vantagem crescente nas últimas décadas tem sido a forma de se apropriar mais plenamente do Evangelho em poder. Isso pode ter algumas ramificações significativas para tal ministério, uma vez que se concentra em alguns dos contextos mais difíceis e empobrecidos do mundo, onde a opressão é desenfreada e o mal é descaradamente institucionalizado e sistêmico.

A *InnerCHANGE* continua a avançar na direção de uma integração mais completa das três dimensões, abraçando, particularmente

,uma compreensão e prática mais completa do Evangelho em poder. Por exemplo, a equipe da *InnerCHANGE* que vive e ministra entre os pobres na cidade de Caracas abriu caminho na compreensão dos principados e potestades, dos sinais e maravilhas, da cura e do sobrenatural. Isso se provou fundamental para que seu ministério seja eficaz nos “barrios” que circundam a cidade.

Outro exemplo poderia ser o nosso processo chamado *reFocusing Leaders*, que tem sido usado em todo o mundo para ajudar os líderes a discernir onde estiveram, para onde estão indo e como chegarão lá. Embora seja um excelente processo de desenvolvimento de líderes, a maneira particular como foi desenvolvido e evoluiu fez com que o Evangelho em obra não fosse tão enfatizado quanto as outras duas dimensões. Isso tem consequências para as igrejas que esses líderes lideram e influenciam, sejam elas igrejas existentes ou novas expressões de igreja.

O processo *reFocusing* também está crescendo em uma ênfase mais robusta no Evangelho em poder. Por exemplo, uma das ferramentas mais eficazes utilizadas no processo é a linha do tempo baseada na tipologia de emergência da liderança de J. Robert Clinton. Não conheço nada que se possa comparar a essa ferramenta para trazer visivelmente à tona tudo o que Deus está fazendo e fez na vida de alguém e ilustrar a mão soberana de Deus em obra na história individual e no chamado futuro. No entanto, uma vez que a vida de uma pessoa está aberta e tudo está exposto, muitas vezes podemos largá-la ali. Os líderes precisam se apropriar da presença manifesta do Espírito, através da oração de cura e de outros aspectos do poder do Espírito, para envolver o que foi revelado e vê-lo redimido e energizado com poder sobrenatural.

Imperativo 2: *Aqueles que escolhemos e formamos como líderes para a saúde e vitalidade contínuas dos movimentos do Evangelho devem ser levados a abraçar todas as três dimensões do Evangelho.*

Mais uma vez, ilustrado pelo trabalho que fazemos, isto significa que, seja através de relacionamentos, recursos, formação, orientação ou treinamento, os líderes devem ser encorajados a crescer na sua

compreensão e no compromisso com as três dimensões do Evangelho e como elas são expressas. Eles não devem apenas apreciar as três, mas também, idealmente, estar indo em direção ao centro em seu próprio crescimento e compreensão.

Isso se aplica aos líderes envolvidos em todos os aspectos dos propósitos do Reino de Deus. Desenvolver líderes que são truncados em seu entendimento e limitados a uma esfera, ou mesmo a duas esferas, é um desserviço ao movimento cristão em geral e, como vemos claramente ao longo das páginas da história da Igreja, ceifará uma colheita destrutiva para as gerações futuras.

Imperativo 3: Se desenvolvermos líderes com uma compreensão holística dessas dimensões das Boas Novas, isso influenciará inevitavelmente as várias expressões de Igreja que eles lideram, plantam e multiplicam.

Na medida em que tocamos grupos de crentes diretamente, ou através dos líderes que influenciemos, devemos encorajar essas expressões do corpo de Cristo a abraçar um Evangelho que inclua todas as três dimensões. Isso pode exigir falar profeticamente à Igreja que é — e aos movimentos do Evangelho que serão catalisados e às novas expressões de Igreja resultantes — sobre todas as três dimensões de um Evangelho holístico. Isso é absolutamente necessário para que a Igreja seja bíblicamente fiel e tenha no mundo o efeito missionário que Jesus tão claramente ordenou e deseja.

Permita-me, mais uma vez, ilustrar a partir da minha própria postura pessoal de liderança numa organização missionária ou “apostólica”. Uma parte essencial do nosso chamado é desenvolver e multiplicar líderes — e, através deles, movimentos do Evangelho, novas igrejas locais e outras entidades missionárias apostólicas como nós — que defendam todas as dimensões do Evangelho e demonstrem uma vontade crescente de avançar para o centro, onde todas as três dimensões estão integradas.

E Para o Mundo...

Quando o Evangelho é expresso em todas as três dimensões, caminhamos para a restauração de todas as coisas sob o governo do Reino de Jesus, cujo propósito Redentor é reconciliar toda a criação com o Deus trino. Todas as três dimensões são características cruciais para a invasão do Reino em sua plenitude.

Sem estas três dimensões, o Evangelho que cremos, falamos e vivemos não é plenamente o Evangelho. É truncado. Distorcido. Impotente. No entanto, quando um Evangelho holístico é vivido em todas as três dimensões, a sinergia é transformadora, tanto pessoal como comunitariamente.

Nessa discussão, quero ter a certeza de que uma questão importante está muito clara. É fundamental que salientemos a condição humana no que se refere aos objetivos gerais da Redenção na *missio dei*. Um resultado absolutamente essencial de um Evangelho holístico é que os seres humanos são persuadidos a tornar-se seguidores plenamente comprometidos de Jesus. Embora possa haver uma infinidade de resultados redutores quando o Evangelho é vivido em palavras, obra e poder, o resultado final é que homens e mulheres se tornam discípulos obedientes de Jesus e membros responsáveis de seu corpo, a Igreja. Se as pessoas não estão se tornando seguidoras do Rei, então a presença do Reino não é total.

Gosto de como Christopher Wright descreve essa questão de “*ultimato*” em seu excelente livro *The Mission of God (A missão de Deus)*. Ele escreve:

Podemos entrar no círculo da resposta missional em qualquer ponto do círculo da necessidade humana. Mas, em última instância, não devemos nos contentar até que tenhamos incluído em nossa própria resposta missional a totalidade da resposta missional de Deus à situação humana — e isso, naturalmente, inclui as Boas Novas de Cristo, a cruz e a ressurreição, o perdão do pecado, o dom da vida

eterna que é oferecido aos homens e mulheres através do nosso testemunho do Evangelho e a esperança da nova criação de Deus.

É por isso que falo mais de ultimato do que de primazia. A missão nem sempre começa com o evangelismo. Mas a missão que não inclui, em última instância, declarar a palavra e o nome de Cristo, o chamado ao arrependimento e a fé e a obediência não completou sua tarefa. É uma missão defeituosa, não uma missão holística”.

A questão fundamental na estratégia missionária não é qual é mais importante — palavra, obra ou poder — mas qual nós nos apropriamos primeiro quando abordamos a necessidade humana. A resposta depende da situação. Vemos Jesus responder às vezes com as três e outras vezes usando diversas combinações. Mas sabemos que, em sua totalidade, essas três dimensões do Evangelho são inextricavelmente ligadas, vitais e fundamentais. Onde começamos é apenas o primeiro passo para levar as pessoas a Jesus, onde elas podem experimentar a totalidade da sua glória, perdão e presença redentora.

Em Conclusão

Devido ao meu papel e responsabilidades de liderança, tenho o privilégio de experimentar o Cristianismo contemporâneo em uma variedade de contextos diversos e globais.

Quando me é dada a oportunidade de ver o que Deus está fazendo em cada cenário, acho extremamente útil usar esse paradigma de palavra, obra e poder como uma lente através da qual posso ver o que realmente está acontecendo. É certo que sempre há limitações interculturais na capacidade de qualquer pessoa perceber com precisão tal realidade, mas essa simples estrutura pode abrir os olhos para o que está ou não acontecendo num determinado contexto.

Da mesma forma, nos relacionamentos que Deus graciosamente nos dá com outros líderes com os quais viajamos pessoal e corporativamente, entender onde eles estão à luz dessas três

dimensões nos proporciona uma capacidade aprimorada para ajudá-los a alcançar seu potencial de liderança único. Se acreditarmos que ministrar a partir do centro — onde todas essas três dimensões se encontram em uma sinergia sagrada — é onde Jesus e suas Boas Novas são mais efetivamente revelados, então esse deve ser o nosso objetivo para cada líder que tocamos, cada comunidade de crentes que influenciamos e cada movimento do Evangelho que esperamos multiplicar. Os resultados não podem deixar de ser transformadores.

Endnotes

¹ Scot McKnight, *Embracing Grace* (*Graça Envolvente*), (Brewster, MA: Paraclete Press, 2012), XIII.

² Darrell Guder, *The Missional Church*, “A Igreja Missional”, (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing, 1998), 88.

³ Darrell Guder, *The Missional Church*, “A Igreja Missional”, (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing, 1998), 88.

⁴ Veja Dallas Willard, *The Divine Conspiracy*, “A Conspiração Divina”, (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1998), Chapter Two.

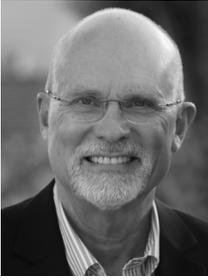
⁵ Lesslie Newbigin, *The Gospel in a Pluralistic Society*, “O Evangelho em uma Sociedade Pluralista”, (Grand Rapids, MI: Eerdmans), 108.

⁶ Veja Sam Storms, *Practicing the Power*, “Praticando o Poder”, (Grand Rapids: Zondervan, 2017).

⁷ A. W. Tozer, *Em Busca de Deus* (Domínio público), 108.

⁸ McKnight, 80-81.

⁹ Christopher J. H. Wright, *The Mission of God*, “A missão de Deus” (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006), 318-319.



Sam Metcalf serviu como presidente da Novo-EUA (antiga CRM) de 1985 a 2022, buscando recrutar e capacitar líderes para o ministério apostólico e criar estruturas apostólicas pioneiras, como a Novo, que multiplicarão os movimentos do Evangelho em todas as nações. Hoje, ele coordena a CoNext — a parceria global de entidades semelhantes à Novo em um número cada vez maior de nações que compartilham missão, visão e crenças mútuas — todas lideradas por líderes nacionais. Ele tem um diploma de graduação pela Universidade da Virgínia, um mestrado pela Escola de Estudos Interculturais do Seminário Fuller e um doutorado pela Escola de Teologia Fuller. Sua esposa, Patty, está igualmente envolvida no ministério com um foco mais específico na oração de cura. Sam e Patty vivem no Sul da Califórnia e têm dois filhos adultos e seis netos.



A Novo é um grupo de missionários criativos enviados para multiplicar movimentos do Evangelho e para mobilizar a igreja para essa missão ao redor do mundo.

Mais de 600 membros de tempo integral da Novo ministram em uma variedade de culturas e contextos em mais de 100 nações. A Novo também oferece treinamentos para centenas de pastores, líderes de igrejas, e plantadores de igrejas em parceria com mais de 50 denominações em toda a América do Norte.

Chamados a serem determinados, inovadores e receptivos à liderança do Espírito, os colaboradores da Novo são, em primeiro lugar, discípulos, profundamente empenhados em conhecer e seguir a Jesus. Onde quer que sirvam, eles são os que acendem o fogo, multiplicando o seu impacto, equipando, empoderando, e colaborando com outros. Os missionários da Novo gostam de correr riscos, de enfrentar novos desafios, e estão dispostos a arriscar as suas vidas pela causa de Cristo. Eles compartilham o melhor que têm para multiplicar movimentos do Evangelho. E eles acreditam que nada é tão importante quanto alcançar as nações com as Boas Novas de Jesus.

Para mais informações, visite novo.org (antiga CRM Empowering Leaders).



NOVO

2014